

OS CARMELITAS DE SABARÁ E AS SOLENIDADES DA SEMANA SANTA (Séculos XVIII-XIX)

Rosana de Figueiredo Ângelo
Mestre em História – UFMG
Professora da Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte
E-mail: taroga@terra.com.br

Resumo

No presente artigo faremos a análise de algumas solenidades da Semana Santa promovidas pela Ordem terceira de Nossa senhora do Carmo da Vila Real de Sabará, na Capitania das Minas Gerais. Esse período do calendário religioso alterava profundamente o ritmo diário das povoações mineiras coloniais que participavam ativamente de todas as ocasiões. Analisando a procissão do Triunfo de Ramos, trataremos de elementos centrais da cultura e mentalidade Barroca colonial, como por exemplo, hierarquias, pompa, o providencialismo, entre outros aspectos.

Palavras-chave

Semana Santa – Procissões – Minas Gerais

1 – Introdução

A Ordem Terceira do Carmo da Vila Real de Sabará empregava o dinheiro arrecadado, fundamentalmente, em obras na sua capela e nos ritos religiosos. Porém, muitas vezes, essa associação via-se em dificuldades para cumprir todas as obrigações espirituais e mesmo materiais, devidas aos irmãos e previstas pelos Estatutos, festejar as datas estipuladas pelo calendário religioso e concretizar as suas empreitadas. Em 1766, por exemplo, a solenidade

da padroeira do Carmo não foi realizada da forma costumeira: "*Termo para se não fazer Procissão enquanto Nossa May não estiver collocada na sua Capella...*"¹. Como solução para atender a todas as demandas, chegou a dispor de seus bens, como a venda dos legados deixados à Ordem, pelo Capitão Francisco Marques da Silva Rabelo, entre eles uma fazenda, a Custódio Ribeiro Guerra "*...pela quantia de vinte e oito mil cruzados, com hú ano livre, e nos mais anos a pagamentos de setecentos mil réis...*"²

O desejo de concluir as obras arquitetônicas impossibilitou a ocorrência das novenas dedicadas à Virgem, ainda no ano de 1808:

Termo em que se detriminou senão ficesse a novena pela impocibilidade em que se achava esta Ordem, como abayxo se declara [...] comtudo foi depois informado pello Irmão Thezoureiro e Procurador da decadencia era que se achava a Ordem, e o empenho a que deve acodir como que seja o pagamento da Talha do Altar Mor; alem do que se deve aprontar para o mesmo Mestre logo que aqui chegar com a obra como seja cazas proprias para o trabalho, e moradia durante ella, e todo mais preparo a que a Ordem está obrigada a este christão, Mestre da Capella, Guizamentos, e outras mais dividas antigas: mesmo pela falta de cera e não haver oyro pronto para acudir tudo; ...³

Entretanto, o não cumprimento dessas obrigações constituía-se mais uma exceção, do que uma regra, na Ordem carmelita. No seu livro de compromisso, estão estipuladas todas as comemorações: o dia de Nossa Senhora do Carmo, em 16 de Julho, o de Santa Tereza, e as solenidades da Semana Santa. As comemorações natalinas passam a fazer parte das solenidades previstas somente nos Estatutos de 1840.⁴ Todas essas festas religiosas envolviam gastos com alfaias, cera, azeite, incenso, armação da capela, música, fogos, pessoal especializado para a confecção de adereços, pregadores, etc, e extrapolavam as fronteiras da associação, envolvendo outras pessoas de níveis sociais e culturais diversos.

A festa da Virgem do Carmo era considerada, como bem diz o título do capítulo dos Estatutos, "*A Solenne Festa da Ordem.*"⁵ Antecediam a data principal nove dias de orações (novenas) e, ao fim desse período, comemorava-se a Virgem "*...com Missa cantada, Sermão e Muzica com o Senhor exposto no Throno e em toda a Novena na porta do Sacrario...*". No período da tarde, fazia-se uma procissão pelas ruas da Vila, conduzindo andores de Nossa Senhora

do Carmo, Santa Tereza, Santo Elias, ricamente ornamentados, "...com os anjos conducentes ao numero dos andores levando mais quatro diante do Palio com turibulos, e navetas...". O padre comissário conduzia o Santíssimo Sacramento na Custódia, debaixo do pálio. O estandarte da Ordem também era levado nessa ocasião. Todas as despesas corriam por conta da associação.

Pelo dito com que se pagou a Domingos José Fernandez nas músicas das novenas e festa da Senhora do Carmo em o presente ano (1792-3), 25 3/4, [...] Pelo o que se pagou ao Capitão Antônio Fernandes Guimarães de cera e mais gastos para a festa da Senhora [...] 84\$225, [...] Pelo o que se pagou ao Reverendo Pregador da festa [...] 19\$200, (1794-5), [...] Pelo que pagou de Provisão p/ expor o Ssmo na dita festividade [...] 1\$800, (1796-7), [...] Pelo o que se pagou das Provisões e incenso para a festa da Senhora [...] 2\$250, (1800-1), [...] Pelo o que pagou pelo documento número 18 para armação da Igreja para a festa do ano (1807-8) [...] 3\$300..."⁶

No novo compromisso da Ordem, de 1828, os gastos com a solenidade passam a ser de responsabilidade do Prior e demais irmãos de Mesa "...como se pratica em muitas corporações semelhantes, e ainda em algumas Ordens Terceiras, pois a experiência tem mostrado, que os louvores feitos a mae fervorosa, e anima o zelo dos filhos"⁷. Acreditamos que, com essas medidas, os terceiros procuravam desonerar os seus cofres. Porém, mesmo com essas determinações, os gastos com a festividade continuavam a aumentar as despesas da associação:

Pelo o que se pagou ao Padre Manuel dos Santos Ferreira pelos Sermões que pregou na festa da mesma Ordem a quantia de 30\$000 (17/07/1837), [...] Idem Francisco Severino de Sza Guerra pela despesa feita c/ o fogo p/ a festa de N. Sra do Carmo a quantia de 28\$800 (18/07/1837), [...] Idem a José João Fernandes de Souza pela música das novenas, festa da mesma Ordem a quantia de 44\$000 (24/07/1838), [...] Idem ao escrivão pela Provisão p/ a exposição do S. Sacramento a quantia de 1\$622 (16/07/1839), [...] Despendeo o thesoureiro da Ordem Terceira do Carmo o Coronel Manoel Antônio Pacheco em pagamento a Francisco de Assis Soares por 9 garrafas de azeite p/ as novenas e festa a quantia de 2\$880 (21/07/1840), Ao Reverendo Manoel Joaquim Ferreira de acolitar nas novenas e festa de N. Sra. e procissão a quantia de 12\$000 (17/07/1843), [...] ao armador Raimundo Antônio Gil de toda a armação p/ a festa no corrente ano a quantia de 4\$000 (20/07/1843) [...] Ao caminheiro Thimotio Pacheco, de hua viagem que fez ao Reverendo Manoel Joaquim Ferreira convidando-o para a festa de 2\$560 (17/07/1843) [...] para se satisfazer aos serventes que capinaram o adro todo da Igreja para a festa 7\$040 (17/07/1843)..."⁸

Já para os festejos em comemoração a Santa Tereza, as despesas sempre correram por conta das mulheres que compunham a Ordem: priorisa, irmãs noviças e professoras. Eram orientadas, pelo padre comissário, para que fossem evitadas "...superfluidades". As Vésperas

eram cantadas na capela e, no dia 15 de outubro, fazia-se a missa cantada com sermão e Senhor exposto, e à tarde "...procissão pelas ruas costumadas com os andores da festa de Nossa May e pela mesma forma executada..."⁹

2 - As Cerimônias e Procissões da Semana Maior: Comunhão e Discórdia

A Semana Santa, promovida pelos terceiros carmelitas, mostrava-se muito mais elaborada e complexa que as outras festas religiosas executadas por essa associação. Isso porque o período é, ainda hoje, considerado o tempo mais importante do calendário cristão, pois "...constitui o coração e cerne do ano litúrgico" (RYAN, 1991:67), quando a igreja rememora a paixão, morte e ressurreição do Cristo.

Este período é a etapa final da Quaresma. Inicia-se no Domingo de Ramos, quando se comemora a entrada triunfal de Cristo em Jerusalém. Concentra as suas principais funções durante o Tríduo Sacro: a quinta-feira santa, marcada pela última Ceia, (instituição da Eucaristia e do mandato do amor), a traição e a prisão do Senhor; a sexta-feira da Paixão, dia de luto pela morte do Cristo, e o sábado santo, quando rememoram-se os mistérios da ressurreição.¹⁰

O período é tão importante que, por determinação do Bispo de Mariana, Dom Frei Manoel da Cruz, em cumprimento de uma Bula expedida pelo Papa Benedito XIV, todas as sextas-feiras do ano, às três horas da tarde, "... em memória da Paixão e Agonia de Nosso Redentor e Senhor Jesus Cristo..." , todo cristão, depois do toque dos sinos das paróquias e capelas filiais do Bispado, deveria ajoelhar-se e rezar devotadamente cinco Ave Marias e cinco Padre Nossos, em intenção da paz dos reinos cristãos, do fim das heresias, exaltação da Igreja e do arrependimento dos pecadores. Em troca, a Igreja concedia cem dias de indulgências.¹¹

A devoção à Paixão de Cristo e às Dores de Maria remonta aos tempos medievais, atingindo seu ápice após o Concílio de Trento.¹² Foi trazida de Portugal pelos colonizadores e teve grande difusão durante o período colonial. O desenvolvimento desse culto, segundo

Riolando Azzi, foi alcançado através de três frentes principais: pela coroa portuguesa, que destacou a veneração à Santa Cruz como instrumento de conquista e domínio das novas terras coloniais; pela Igreja, que através dos religiosos procurou enfatizar a Paixão de Cristo como instrumento exemplar de sacrifício e penitência, destacando os castigos corporais como forma de expiar os pecados e conquistar a santidade; e pelos colonos portugueses que usaram essa devoção para alcançar favores do 'além', que atendessem as suas demandas materiais e espirituais, como boa saúde, achados de ricos veios de ouro, colheitas favoráveis, a garantia da salvação da alma, etc. Esse terceiro enfoque, de feição mais popular, aproximava o Cristo dos demais santos de devoção.¹³

No Setecentos mineiro, o período dedicado à Paixão não se restringia à Semana Santa. Abrangia um tempo maior, a Quaresma, “... do latim *quadragésima*, *quarenta dias portanto de interiorização e reavaliação da experiência religiosa...*”¹⁴, ou seja, o devoto submetia-se a penitências e jejuns, exceto aos domingos, que funcionavam como pequenas Páscoas. “... *E porque o jejum indica penitência, e aflição, e no dia de Domingo celebramos o prazer, e gosto da Ressurreição de Cristo, e seria diminuir a alegria deste dia envolver-se nelle a tristeza, e mortificação do jejum ...*”¹⁵. Através do jejum, os devotos deveriam não só abster-se dos manjares, mas também dos pecados. Nesses dias, deveriam, se possível, assistir à missa e exercitar obras de piedade cristã.

Os ritos da Semana Santa eram de responsabilidade paroquial. Porém, as irmandades e ordens terceiras sempre incluíam em seus calendários essas comemorações.

As solenidades da Semana Santa de fundo sacramental (litúrgico) eram obrigatórias para as paróquias, mas as irmandades tratavam de fazê-las ainda que parcialmente não se contentando com as cerimônias paralitúrgicas.” (CAMPOS, 2000)

A Semana Maior constitui um tempo especial no calendário, não só religioso, mas também cultural, social e econômico.

...é o ápice da pompa barroca, tempo próprio para a interiorização e exteriorização, penitência e convívio social, fortalecimento da fé e dos liames confrariais a partir da atualização da obra

salvífica de Cristo. Período de controle das populações através do seu arrolamento por ocasião da desobriga e cobrança de emolumentos paroquiais... (CAMPOS, 2000)

As associações religiosas convocavam todos os irmãos para participarem das cerimônias. Mesmo aqueles que morassem em paragens distantes deveriam comparecer aos atos. Para esse efeito eram fixados Editais em todas as freguesias, capelas e províncias. Os que faltassem, sem uma justificativa ou motivo verdadeiro, como prisão, doenças ou ausência da terra, deveriam logo, ser expulsos da associação. A ordem carmelita do Sabará era implacável:

Todo o Irmão que se achar presente na cidade e ainda fora della, e de seus suburbios na Semana Santa, e faltar as Procissões do Triunfo, do Enterro, e mais solenidades que a Ordem 3^a costuma fazer, não tendo para isso legitimo impedimento que a Mesa julgue por tal sem mais admoestação queremos seja expulso da Ordem porque se o tal Irmão falta aos actos publicos em que a Ordem tem o maior empenho muito melhor faltará aos particulares, que não são tão patentes aos olhos de todos, e destes taes Irmãos não tem necessidade a Ordem.¹⁶

Por esse motivo, as vilas e localidades tinham as suas ruas cheias de devotos vindos de todas as regiões, especialmente para participar das solenidades. Nesses momentos, a quietude rotineira dava lugar ao burburinho dos transeuntes, tornando o ambiente propício não só para as rezas, mas também para a intensificação da sociabilidade.¹⁷

...aí se canta; aí se toca música; aí se fazem trocas e comércio; aí se luta; aí se processam encontros cuja significação erótica é com frequência particularmente marcada. Por vezes instala-se aí, a sua vida e então aí se cozinha e aí se dorme." (SANCHIS, 1992:143)

A ocasião criava um ambiente de interação entre o sagrado e o profano. Eram proibidas as procissões noturnas, ou seja, "...das Ave Marias por diante, e que nenhuma comece tão tarde, que seja preciso recolher-se a noite...". Alegavam que, "...por quanto tem mostrado a experiencia, que nas procissões de noite pode haver. E há muitas offensas a Deos [...] as quaes, diz o apóstolo, são obras das trevas de que é príncipe o demonio..."¹⁸ Os que insistissem estavam sujeitos à excomunhão maior.

Em algumas situações, licenças especiais poderiam ser concedidas, “...se entendermos ser assim mais serviço de Deos...”¹⁹ Em 1830, os carmelitas pediram licença ao Bispado de Mariana para realizar as novenas da Virgem do Carmo com o Santíssimo exposto à noite, alegando que estas estavam

...pouco frequentadas, em razão serem dias de trabalho, ao mesmo passo, que concorrerá muita gente, e por consequência mais luzido o festejo, se V. Excia Rma for servido conceder licença para se fazerem as novenas, mais tarde que o costume, embora entrem pela noite....²⁰

Acabam conseguindo um Despacho favorável: “Concedemos, que as novenas de Nossa Senhora do Carmo na sua Capela da [...] Vila de Sabará possam entrar a noite de sorte, que as sete oras esteja a porta feixada, e não mais [...] Mariana 5 de junho de 1830...”²¹

Porém, as mulheres não poderiam participar de tais solenidades. Assim, as autoridades procuravam controlar o que a escuridão noturna conseguia encobrir.²²

A fim de assegurar a boa ordem, as associações religiosas pediam o auxílio das tropas de milícia. Porém, algumas vezes os papéis se invertiam:

Tive a honra de receber o ofício, que V. Exa se dignou dirigir-me a respeito do acontecimento ao entrar a Procissão do Senhor dos Passos na noite do 4 do corrente mês, [...] aprontando o Coronel uma guarda para acompanhar a dita procissão, aconteceu serem contemplados na mesma guarda os soldados Manoel Ignácio Ferreira de Mesquita e Ambrósio de Oliveira, os quais tomados de sobremaneira de bebidas, longe de aplacarem as **desordens oriundas do imenso povo**, que pretendia entrar na Igreja de improviso para estarem ao sermão, se arrojaram com as armas que traziam contra todo o povo, sem reserva, do que resultou conspirar-se o mesmo povo contra aqueles dois soldados, e por conseguinte revolta toda a guarda, houverão ferimentos, pedradas, sem que de nenhuma feição se pudesse divizar o agressor, ou agressores, que de longe tangiam as pedras, a ponto de ser necessário fechassem as portas da Igreja, apesar da providência que imediatamente fiz dar, a fim de por termo a semelhante desordem. Esta a verdade do fato, a que esteve aquele mesmo coronel, que pertendo também aplacar logo o tumulto, não foi obedecido por aqueles soldados atento o estado da ebridade em que jaziam [...] Cidade de Mariana, 7 de abril de 1819. Joaquim Coelho de Oliveira Duarte.²³ (grifo nosso)

Em Portugal, a legislação punia, com severidade, aqueles que cometiam atos violentos nos lugares sagrados ou em procissões:

mandamos que qualquer pessoa de qualquer qualidade e condição que seja, que dentro em igreja, ou mosteiro arrancar espada ou punhal para ferir outrem, ou em procissão, ou em outro lugar onde o corpo do senhor for, ou estiver, seja degradado para sempre para o Brasil. E fazendo o dito arrancamento em procissão, onde não vá o corpo do senhor, seja degradado dez anos para o Brasil. E ferindo alguma pessoa, haverá, além do dito degredo, a pena que por nossas Ordenações e Direito por tal caso merecer, e que haveria, fazendo o dito ferimento em qualquer outra parte, porque só pelo dito arrancamento incorrerá nas penas desta ordenação.”²⁴

Assim, no período da Semana Santa, o cotidiano das localidades era alterado. A segurança era redobrada, já que também se tornara um momento propício para delitos e insurreições de escravos, que se aproveitavam do envolvimento de seus senhores nos atos religiosos. Esses, além de permanecerem mais tempo fora das suas casas nas solenidades religiosas, não podiam portar armas no interior dos recintos sagrados, deixando-as guardadas em seus lares, que ficavam sujeitas a roubos.

Em 1719, foi debelada, pelo então governador das Minas, Dom Pedro de Almeida, Conde de Assumar, uma revolta de negros prevista para a quinta-feira Santa

...errando como brutos no modo de conservar o segredo e de executar os seus designios, porque tendosse ajustado entre sy a mayor parte da negraria destas Minas a levantarence contra os brancos, tratarão de urdir uma soblevação geral [...] conformandosse todos em partes mui distantes por meyo de varios emissarios [...] e tinhão ajustado entre sy que a primeira operação della fosse na quinta-feira de Endoenças deste anno porque achandosse todos os homens brancos ocupados nas igrejas tinhão tempo para arrombar as cazas, tirar as armas dellas e invistir os brancos, degolando-os [...] Alguns dias antes da semana Santa tiverão os ditos negros differenças sobre o dominio que pretendião os de hua nação sobre as mais, e veyo a romper-se o segredo na Comarca do rio das Mortes. [...] mandei prevenir com particularidade e cuidado de todos para o dia de **quinta-feira de Endoenças** [...] ordenando entrassem nas igrejas de guarda as companhias com mayor numero de homens e que as armas todas se pusessem em partes seguras, onde os negros as não pudessem haver as mãos, e que os senhores deixassem em suas casas se lhes tirassem os fechos, e se ocultassem onde os negros as não vissem [...] Vila do Carmo, 20 de abril de 1719.²⁵ (grifo nosso)

As localidades organizavam-se para a ocasião. As ruas, por onde passavam as procissões em que o Santíssimo estivesse exposto, deveriam ser preparadas com especial cuidado, como acontecia no arraial de Paracatu. Em Edital da Câmara daquela localidade, determinou-se

...a todos os moradores da rua do Rosário, e a da vizinha denominada rua dos assouguis que dentro de quinze dias que correm da publicação deste em diante que cada hum a limpe, e entupa os

buracos e regos das suas testadas, em modo que fique a rua capaz, plana e limpa, em termos de qualquer hora da noite que for preciso passar por ela o Santíssimo Sacramento possão os sacerdotes, Irmãos da Irmandade do mesmo senhor e os povos que acompanhão seguir sem perigo algum, e com aquela decência que he devida [...] espero que todos os moradores das sobreditas ruas o pratiquem da forma que ordeno, e quando entre elles haja algum rebelde [...] sera condenado a 2\$000 para as despesas desta câmara, e preso recolhido a cadeia até pagar a suposta condenação [...] Vila do Paracatu, 25/06/1807. ²⁶

As construções deveriam apresentar boa aparência, caiadas para os atos religiosos.

Recebi do senhor José Custódio Dias [...] thesoureiro da Irmandade da Senhora do Rosário desta cidade a quantia de dez mil réis para pagar o pedreiro Mariano Lima de seu trabalho de cahar a capela da mesma irmandade em ocazião da procissão dos pasços [...] Sabará, 19 de março de 1863.” ²⁷

Os trajetos das procissões sempre respeitavam as ruas de costume, seguindo a tradição.

No ocidente, cada capital ou cidade régia conhece, o seu imponente caminho das procissões, das portas das cidades guardadas por uma Igreja ou por uma Capela às encruzilhadas mais freqüentadas, dos campos de feiras que se estendem junto das Abadias até as fontes, da Basílica ao Palácio. Alguns tornaram-se autênticas vias triunfais, eixos essenciais da vida pública ao longo dos quais príncipes, nobres e prelados se apressam em mandar construir os seus palácios. (HEERS, 1987:13)

Quando, por vezes, esses percursos eram alterados, verdadeiros embates invadiam as procissões, como o que ocorreu também em Paracatu, durante a procissão de Corpus Christi, em 1805. O Vigário Manuel Roiz Cordeiro negou-se dramaticamente a acatar as mudanças ordenadas pela Câmara. A questão explicitou a disputa latente entre os direitos da Igreja e os das autoridades civis, na organização das festividades religiosas de responsabilidade das câmaras municipais.

Ilustríssimo Reverendíssimo Senhor Visitador Francisco José Correa [...] saindo a procissão da Igreja, logo que o guião da Irmandade do Sacramento desceu as escadas do adro, o Padre [...] que ia paramentado com capa de asperges saindo da sua ordem, [...] gritou à Irmandade que se pusesse com a procissão pela rua determinada pelo Reverendo Vigário, e rompendo o guião as fileiras dos soldados, por entre as quais já tinha seguido São Jorge com todo o seu estado, tomou para a rua do sacramento, como queria o vigário, e que sendo por mim advertido, mandei imediatamente suspender o guião, e tornar para onde devia seguir: os que levavão porque erão leigos obedecerão logo meu mandato [...] o vigário [...] voltando-se para o povo disse em altas vozes: Senhores hoje é dia do Triunfo de Jesus Christo, portanto devem-me seguir [...] mostrando o sacramento ao povo [...] eu pondo-me então de joelhos lhe respondi que não lhe

consentiria que se fizesse o menor desacato ao Santíssimo Sacramento [...] mas que a lei de Deus e do Príncipe mandavão que ele Vigário não se intrometesse no governo da procissão e do povo, que o lugar não era próprio para disputas, [...] nada foi bastante para convencer o Vigário [...] mas finalmente cedeu por ver que nada podia influir no povo [...] Paracatu do Príncipe, 15 de Junho de 1805, Presidente da Câmara, José Gregório Moraes Navarro.²⁸

As questões de precedências nas procissões também transformavam o espaço sagrado em um ambiente de disputa de poderes, subvertendo o sentido religioso das solenidades. Logo no ano de sua instalação como associação autônoma em Vila Real, a ordem carmelita entrou em conflito com a irmandade do Santíssimo Sacramento, quando das solenidades em honra à Virgem do Carmo.

...com a sua novena e senhor exposto e no seu dia com procissão pelas ruas públicas em a qual he costume levarem o Senhor sacramentado debaixo do pátio sendo conduzido pelo Reverendo Comissário e as varas do pátio pelos irmãos terceiros de mais authorityde [...] porque nas funcoins que a Veneravel Ordem terceira tinha de costume, e obrigação fazer com o senhor exposto senão entromettessem a pertubar Irmãos do mesmo senhor com opas vermelhas ao nem (sic) nas porcissoens publicas a pegar nas varas do palio, nem acompanhar o mesmo senhor com as ditas opas, pois so era permitido à Veneravel Ordem a fazerem as ditas funcoins sem mais adjuntos cuja graça foi concedida a Venerável Ordem terceira...²⁹

Os carmelitas conseguiram um despacho favorável a esta questão

...senão entrometão os Irmãos do Santíssimo Sacramento, porque he função da Ordem só aos Irmãos terceiros pertencem fazer este acto e todos mais que são privativos da mesma Ordem ... Mariana aos treze de julho de mil setecentos e sesenta e hú . Com a rubrica de Sua Excelencia Reverendissima.³⁰

Os Carmelitas e as solenidades da Semana Santa

Nos Estatutos do Carmo de Vila Real, do século XVIII, estão descritas, minuciosamente, todas as solenidades promovidas pelos terceiros. A partir deles, constatamos que os carmelitas faziam a procissão do Triunfo, no Domingo de Ramos, a Quinta-feira Maior com o Lava-pés, e a procissão do Enterro na Sexta-feira da Paixão, sendo esta última exclusiva da associação.³¹ As procissões da Semana Santa foram instituídas em fins do século XIII.³²

Porém, esses soldalícios se esforçavam em executar todos os ritos principais da ocasião, mas caso isso não fosse possível, empenhavam-se

...ao menos em solenizar a quinta-feira mayor com a exposição do Santíssimo Sacramento em urna na forma determinada pela Igreja, e de tarde = o Lava-Pés= com todas as cerimônias e orações, que mandão os cerimoniais, guardando-se em tudo o costume praticado nas outras Ordens.³³

Essa ocasião do calendário litúrgico tinha uma dimensão tão grande na vida da ordem carmelita, que se faz necessário olhar mais detidamente alguns aspectos, sem os quais seria impossível a sua realização. Neste artigo, concentraremos a nossa atenção, no Domingo de Ramos, cujas solenidades foram expressas detalhadamente nas fontes primárias pesquisadas.

A Procissão do Triunfo no Domingo de Ramos

Este dia chama-se de Ramos, Palmas ou de Flores, que com todos estes nomes apelidão os fieis; he dia de triunfo de Christo: em parte alegre e em parte triste; Alegre por respeito da Procissão das Palmas, simbolo da Victoria, e triunfo da culpa: Triste, porque immediatamente secanta a Paixão do Senhor escrita por S. Matheos.³⁴

No Domingo de Ramos, os carmelitas se viam às voltas com a tarefa de colocar nas principais ruas da Vila Real de Sabará uma complexa e elaborada procissão.³⁵

As Constituições do Arcebispado da Bahia definem Procissão como "*...uma oração pública feita a Deos por um comum ajuntamento de fiéis disposto com certa ordem, que vai de um lugar sagrado à outro lugar sagrado...*"³⁶

Os terceiros carmelitas saíam de seu templo, com todo o aparato e pompa nos seus dois sentidos, ou seja, suntuosidade e hierarquia, fazendo demonstrações de devoção, organização e poder.³⁷

Para Pierre Sanchis, "*...a procissão corresponde a um duplo movimento: a projeção do sagrado fora do santuário, a sua epifania publicamente triunfante, e correlativamente, uma*

sacralização do espaço”. No primeiro caso, trata-se de 'exibir' e, no segundo aspecto, de ligar o percurso do objeto sagrado aos caminhos cotidianos dos devotos. Assim, a procissão

...induzirá a uma dupla hierarquização: por um lado, indivíduos e grupos mostrar-se-ão numa maior ou menor proximidade em relação ao objeto - relíquia, estátua - que condensa o sagrado e dele é sede; por outro, serão os lugares que receberão assim, de maneira selectiva, as honras da consagração. (SANCHIS, 1992:120)

Nessas cerimônias solenes, a questão hierárquica é claramente percebida na composição de todas as procissões. Nos seus arranjos, são explicitados os lugares de todos os componentes e andores, segundo a importância hierárquica de cada um. Para isso, levava-se em consideração a antigüidade e a graduação dos irmãos, ou seja, aqueles que estivessem servindo à Mesa administrativa, os professos, os noviços, os mais antigos, etc. *“Seguirão logo os irmãos professos em seus lugares conforme as suas antigüidades, e todos com suas velas de libra nas mãos. [...] ...comporem a dita procissão pondo cada hum em seu lugar conforme a sua graduação...”*³⁸

A concepção hierárquica do mundo possui as suas origens na Antigüidade, da qual foi resgatada pelos teólogos medievais, tornando-se um elemento essencial naquele tempo. Possui um fundamento sagrado baseado nos testamentos bíblicos, constituindo uma visão acomodatória de mundo. Cada um deveria ocupar o seu lugar na sociedade, de acordo com a sua dignidade, ou seja, os papéis eram definidos a partir da qualidade (escalão ou ofício corporativo) e estado (os que oram, os que combatem e os que trabalham), com total obediência, justificando-se assim, a sociedade estamental.³⁹

Segundo Robert Darnton, a concepção hierárquica da sociedade na época moderna era vista como algo natural, sedimentado, apesar da ascensão da burguesia e de alguns novos valores mais laicos. Partindo da descrição de uma procissão ocorrida em 1768, em Montpellier, feita por um burguês anônimo, esse autor percebeu a ausência de muitos grupos sociais, destacando que esses tipos de fontes não devem ser vistos como um retrato fiel da sociedade Moderna, já que expressam somente alguns elementos básicos. Assim, *“...as procissões não funcionavam como réplicas em miniatura da estrutura social; expressavam a essência*

da sociedade, suas mais importantes 'qualités e dignités'..." (DARNTON, 1986:161) Não se tratava de uma divisão de classes sociais, mas de graduação da ordem social.

Na descrição dos Evangelhos, Jesus entra aclamado em Jerusalém, porém, de maneira extremamente humilde, montado em um jumentinho, cumprindo-se a profecia de Zacarias: "...Rejubila-te ao máximo, filha de Sião; grita de alegria, filha de Jerusalém. Eis que teu Rei vem a ti; ele é justo e vitorioso, humilde e montado em um burro, em um burrinho, filho de jumenta." (Zacarias 9,9. Bíblia Sagrada, 1989) Paradoxalmente, os carmelitas, em sintonia com o gosto Barroco, adotam o modelo dos cortejos triunfais, típicos da Antigüidade Romana, resgatados durante o Renascimento e transformados em triunfos cristãos na época moderna.⁴⁰

O arranjo do cortejo era o seguinte: abrindo a procissão do Triunfo, a cruz da Ordem com manga roxa, ou seja, encoberta por um tecido roxo, no qual eram gravadas as armas do Carmo. Acompanhando, iam os irmãos, com suas opas para ocasiões soleníssimas, em duas alas, segurando velas, cruces e brandões, entoando cânticos próprios para a ocasião.⁴¹ Na frente, iam os irmãos professores "dos mais modernos na Ordem"⁴², ou seja, aqueles que professaram recentemente, seguidos pelo Noviciado em duas alas e no fim delas, o seu Mestre. Logo após, os professores ocupando lugares conforme o requisito da antigüidade, seguindo-se a eles os irmãos sacristãos e a Mesa, respeitando-se a hierarquia dos cargos e, em seguida, o Pálio.

Estar sob o pálio, segurar as suas varas ou conduzir um andor são atividades também concorridas e de grande destaque:

Logo se seguirá o pálio debaixo do qual irá o Reverendo Padre Comissário com o Santo Lenho nas maons..." [...] "...Nas varas do pálio mandará o irmão sub Prior pegar os irmaons sacerdotes terceiros havendo-os; indo estes com o escapulário, e correa cingida e sobpeliz e não havendo então pegarão os irmaons de Mesa mais velhos que houverem na Ordem, e na falta destes os irmaons mais antigos na mesma pela sua profissão, e de mais distinção.⁴³

O pálio é um ornamento distintivo que indica um elemento principal nas procissões. No caso do cortejo, a hierarquia atinge o seu apogeu nesta estrutura.⁴⁴

Em seguida, no meio das duas alas da procissão, após a cruz da ordem, vinha o Anjo do Triunfo, com uma cruz arvorada de madeira prateada. Era ornamentada com o estandarte das armas do Carmo, de onde partiam duas tarjas seguradas por outros dois anjos, ricamente trajados. Uma delas trazia a inscrição "*Pange lingua gloriosi Ecc 1*" e a outra, "*Gloria Libane Izai Cap 25 v2.*"⁴⁵

Essas atividades gráficas foram destacadas por Affonso Ávila, como sendo de grande importância na Capitania das Minas. Os trabalhos em iluminuras e bordadura gráfica, expressos nos livros das associações leigas, as inscrições em madeira ou em pedra, das obras de arte, emblemas e estandartes religiosos, eram feitos por profissionais e remontavam à arte sacra medieval.⁴⁶

Frente a uma sociedade formada por uma maioria de iletrados, qual seria o objetivo dessas inscrições? Talvez exibir a superioridade intelectual dos carmelitas ou ainda provocar um maior impacto e deslumbramento nas pessoas de variados níveis culturais, que contemplavam o cortejo. Não devemos pensar na palavra escrita, ainda mais em latim, como mensageira de algum conhecimento para a maior parte da sociedade.⁴⁷

Logo após, vinham dez andores: o do Triunfo, o de Santa Tereza, o de Santa Isabel - Rainha da Boêmia, o de São Eduardo - Rei da Inglaterra, o de São Esperidião - Bispo, o de Santa Angela de Arina, o de São Luís - Rei de França, o de Santo Elias, o de Nossa Senhora do Carmo dando o Escapulário a São Simão Stock, e por fim, o andor do Senhor do Calvário e Santa Maria Madalena de Pazzi "*...com a significação de impressão das Chagas do mesmo Senhor...*"⁴⁸. Diante desse andor iam dois anjos, segurando emblemas do martírio do Senhor do Calvário.

Todos esses andores eram carregados por irmãos da Ordem e precedidos por dois anjos, que levavam em uma das mãos uma palma e na outra uma salva com flores, que iam jogando ao chão, formando um tapete. O espaço de cada andor era regido por um irmão que houvesse participado da mesa administrativa, escolhido pelo subprior. Poderiam ser substituídos por professos mais antigos e beneméritos "*...para que vá uniformemente a*

Procissão com compostura, e decencia competente a semelhante acção..."⁴⁹ O andor de São Esperidião recebia tratamento diferenciado, já que deveria ser regido por um irmão sacerdote professo de maior graduação na associação.

Após o último andor, iam os irmãos da Mesa Administrativa e, no meio da ala, o irmão Vigário "...de donde a regerá para a conservação de seu ornato e compostura..."⁵⁰ Fechando o cortejo "...os mais coros de muzica que lhe forem possível os quaes cantarão a letra ou Hynno de Vex illa regis producem..."⁵¹

Dos dez andores, o do Triunfo possuía uma representação mais complexa. Tratava-se da imitação de uma carroça, na qual ia assentado o Amor Divino – figura expressa do Triunfo ou o Cristo Triunfante – vestido à trágica com uma coroa imperial, segurando em uma das mãos um arco ornado por uma pequena cruz e, na outra, um coração ardendo em chamas. Essa carroça era puxada pelos três inimigos sobre os quais o Cristo Triunfou:

Primeira figura do **Mundo** vestido a tragica com botins de cor rocha o peito de cor ruiva e a capa encarnada que são as cores que representa o Mundo [...] levava uma seta atraveçada no peito, e na mão uma espada, e com a outra ira puxando por um dos cordeis [...] segunda figura o **Diabo** a qual ira vestida de Anjo com botins pretos sayote composto de fumo preto, e lo cor de cinza interfachado com chamas de fogo pintadas, as asas de papelão a imitação as de morcego coberto o rosto com huma mascara de aspecto horrorozo, em huma mão levava hum livro, e com a outra puxando hum dos cordoens levando tambem setta no peito [...] terceira figura a **Carne** hirá tambem a tragica com sayote verde em huma mão levava huma ampulheta com azas, e com a outra puchará hú dos cordoins levando setta no peito como os outros pois se representão vencidos; e por isso o amor divino não levará setta na aljava pelas já ter empregadas nos trez inimigos vencidos...⁵² (grifo nosso)

Para Burckhardt, em seu trabalho sobre a Renascença italiana, a festa é o momento solene de existência, em que toma uma forma visível para expressar o ideal moral, religioso e político que o povo formou para si. Segundo esse autor, verificam-se essencialmente duas formas de festas públicas em todo o ocidente: o mistério – a história sagrada ou a lenda dramatizada, e a procissão – cortejo pomposo que dá lugar a uma solenidade religiosa. Essas festas apresentavam uma grande magnificência. As representações dos mistérios envolviam, em toda a Europa, a montagem de complexos cenários e o uso de recursos mecânicos, através da elaboração de aparelhos engenhosos. Essas ocasiões duravam vários dias, com a

participação de atores e manequins vestidos. Os triunfos religiosos apresentavam inúmeras alegorias e a decoração, muito rica, era fruto da imaginação dos artistas daqueles tempos.

Assim, as festas renascentistas demonstravam um grande prazer pela vida.⁵³

Em contraposição, no período Barroco, época marcada por crises e contradições, a alegria se mantinha sob outros aspectos:

...sua pompa e artificiosidade são prova da grandeza e do poder social daquele que a oferece, e, ao mesmo tempo, de seu poder sobre a natureza, cujo curso, de alguma maneira, se pretende sempre alterar. As festas barrocas são feitas para a ostentação e para suscitar admiração. [...] Essas manifestações sociais da festa barroca ganham realce entre si, e juntas, por sua vez, devem dar a medida da potência daquele que a tornou possível. (MARAVALL, 1997:377)

Nas solenidades da Semana Santa, a Ordem Terceira do Carmo despendia altas quantias com a contratação de artífices para a confecção de vestuário, construção e decoração de andores, armação de cenários efêmeros (que seriam usados somente naquela ocasião), compra de materiais, contratação de músicos, velas, iluminação das ruas para provocar determinados efeitos, o que onerava bastante as suas receitas. *"O espectador pergunta assombrado qual não será o poder de quem faz tudo isso para, aparentemente, alcançar tão pouca coisa, para a brevidade de uns instantes de prazer."* (MARAVALL, 1997:377)

Porém, esses gastos devem ser vistos como um investimento, pois, acreditava-se que

o sublime podia ser atingido através das aparências sensíveis e que estas faziam a mediação entre o terreno e o além servindo ao homem religioso como instrumento poderoso para a salvação da alma... (CAMPOS, 1987:5)

Esses gastos não contrariavam as determinações das leis suntuárias, que condenavam o luxo excessivo com elementos profanos e eram condescendentes e favoráveis com os gastos religiosos. Assim, a pompa, no sentido de luxo, suntuosidade e magnificência, materializou-se com grande esplendor na Capitania das Minas, durante o período colonial.

A partir da análise do Inventário de Alfaias da Ordem Terceira do Carmo, encontramos arrolados entre muitos objetos, alguns que retratam a devoção e a dedicação dos carmelitas à Paixão de Cristo. Eram utilizados, especialmente durante o período quaresmal e

a Semana Santa, nos suntuosos ritos e procissões. Outros, serviam para ornamentar o templo sagrado durante todo o ano, funcionando como emblemas do Martírio de Cristo.

3 imagens do Snr crucificado nos altares com resplendor de prata que pezão 16/8as, [...] 2 painéis da Paixão, pintura grossa sem guarnição, [...] 1 imagem do Sr crucificado na sacristia com engastes de prata lavrada, e diadema de dita com hua pedra verde, que tudo peza 3/4 as e 13 /8as, [...] 1 cruz de prata para as procissões com seu saco de algodão em que se guarda, cuja cruz pesa apiana com hú canudo de cobre 2 // 3/4 os 6/8 as, [...] 1 dita com buxa de pau que a forma que pesa 4// 12/8 as, [...] 1 ornamento de melania de seda verde e roxo com galão de retrós a saber: cazula, estola, manipulo, bolça, véo, pano de estanta, [...] 1 veo de Dossel, lavrado de palhetas falsas, com suas argolinhas, [...] 5 véos de várias cores que servem para cobrir as imagens na paixão, 1 manga de damasco roxo com franchas de retrós que he da cruz, [...] 1 pano roxo de Estanta furado no meio, [...] 1 esquiife com suas forquilhas, [...] 1 capa de cetim azul claro e túnica que serve a Madalena, [...] 1 dossel de seda branca com renda de ouro falso para a exposição do Smo Sacramento com seo véo de garça, [...] 1 tunica roxa de N. S. rica dada pela Irmã Dona Ignácia Pires de Oliveira Horta, [...] Hum escapulário roxo de N. S. rico dado pela mesma, ...⁵⁴

No inventário de 1852, encontramos novos objetos adquiridos pela ordem para serem usados durante a época da Paixão, como, "...Hum ornamento de damasco roxo novo com galão francês, aparelhado, [...] 1 túnica e escapulário de alpaca de lã roxa com espiguiilha francesa para a senhora, [...] 1 pano de estante roxo para Missal, ..." Em 1870, passam a figurar entre as alfaias "...1 túnica de cetim roxo lavrada e bordada de ouro, [...] 1 escapulário do mesmo cetim e bordado de ouro..."⁵⁵

Outros gastos foram verificados "...pela importancia do Damasco Roixo para o frontal que importou pela conta da Logea nova em 19/8as 6 vinteins a dinheiro são 23\$025 réis."⁵⁶ Ou "...pelo que pagou de 9 varas de pano de (sic) para o esquiife 3// -//3"⁵⁷ E ainda, "...a Antonio Manoel Coutinho da musica em os 3 dias de Endoenças na Capela 50\$000..."⁵⁸, e no mesmo ano de 1849 a Ordem gastou 43\$320 réis "...com o resto da despesa das Endoenças na Capela"⁵⁹ No ano seguinte, a associação pagou 2\$000 réis a "...Maria Teresa para tingir a tunica de roxo para Nossa Senhora do Carmo"⁶⁰

Em 1809, a capela do Carmo chegou a passar por uma pequena reforma, especialmente para abrigar, com mais distinção, os ofícios da Semana Maior.

...mandou que mandasse cayar a Igreja por dentro, Espanar, e alimpar, os Altares, Pulpitos, Coro e Candieyros, que mandasse emcadernar os dous Missaes concertar os ornamentos que visse herão precizos, que se lhe levasse em contatoda a cera que comprou para o dia da de Sesta feira Santa deste anno; e da mesma forma o ajuste de Muzica para a função do mesmo dia, e mais determinarão que mandasse pintar o sepulcro que esta debaixo de São Simão Estoque, abrir uma porta no consistorio por debaixo do trono para se hir por ella de huma Sanchristia para outra, que satisficesse o emporte dos Sermões da Sesta feira. ⁶¹

Em Portugal e nas suas colônias, a pompa atingiu o seu ápice durante o longo reinado de Dom João V (1707/50). O Rei cristianíssimo, como ficou conhecido, destinou avultadas quantias para a construção de templos, ornamentação de lugares sagrados e aquisição de aparelhos litúrgicos, como alfaias para o culto, pratarias e objetos em ouro. Todos esses gastos devem ser vistos de acordo com a mentalidade providencialista da época, ou seja, os sucessos de seu reinado (expansão das fronteiras, achados de ricos veios de ouro, fertilidade do próprio monarca...) eram dádivas e deveriam ser retribuídos ao além através de gastos com o sagrado, constituindo-se, assim, um círculo vicioso, isto é, dispêndios com o religioso - sucesso temporal / sucesso temporal - dispêndios com o religioso, garantindo, dessa maneira, a positividade da Providência. ⁶²

As procissões eram feitas levando-se em consideração a dramatização e os efeitos maravilhosos, característicos do Barroco. As alegorias eram representadas e expostas a vários olhares para serem reconhecidas e decifradas pelos espectadores, como por exemplo, a espada na mão do mundo, o livro com o diabo e a ampulheta com asas com a figura representando a carne. As interpretações variavam de acordo com a leitura de cada um, já que diferentes segmentos sociais espalhavam-se pelas ruas percorridas pela procissão, estabelecendo-se trocas culturais. ⁶³

De qualquer maneira, é importante lembrar que a Semana Santa, como um todo, começa no Domingo de Ramos e vai até o subsequente, quando se celebra a Páscoa. Neste trabalho, concentramos a nossa atenção nas solenidades do Domingo de Ramos, expressas detalhadamente nas fontes primárias consultadas.

3 – Considerações Finais

Trabalhar em um arquivo de documentos históricos e folheá-los, enquanto se está em seu próprio cenário, como é o caso da Igreja do Carmo de Sabará, aguça a nossa sensibilidade para perceber certas nuances, encobertas pelo tempo. A edificação do século XVIII conserva em seu interior a áurea colonial que, várias vezes, entra em choque com a paisagem vista através de suas janelas e com os sons que enchem aquele espaço. Nesse ambiente, o historiador tem a oportunidade e o privilégio de observar duas realidades distintas sem, contudo, deixar de perceber as profundas e dinâmicas relações estabelecidas entre elas.

A cidade de Sabará, com as instalações da Companhia Belgo Mineira e da vila operária, sofreu inúmeras mudanças. As alterações não se restringiram à feição arquitetônica colonial das suas edificações, mas à própria identidade do sabarense em relação à sua cidade. Com a siderúrgica, um grande surto de modernidade invadiu amplos setores da vida quotidiana, mudando o ritmo diário da população, que passou a organizar-se não só através dos toques dos sinos das igrejas, mas também, pelo ruído estridente da sirene industrial.

Além disso, Sabará sofreu importante influência da moderna capital do Estado, Belo Horizonte, instalada em região fronteira a ela. Grandes levas de moradores da cidade passam a suprir o então crescente mercado de trabalho e entram em contato com uma nova mentalidade.

Seguindo o espírito republicano, muitas edificações e tradições do período colonial foram renegadas: a maior parte do casario foi demolida ou sofreu intervenções que mudaram profundamente a sua feição antiga. Sobreviveram alguns exemplares isolados e o conjunto da rua Direita, hoje Pedro II. Muitos monumentos de maior porte foram destruídos como a Casa de Câmara e Cadeia, o Pelourinho e a Capela de Santa Rita.

Com a criação dos Institutos de preservação do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Estadual e com a ação de uma elite cultural da cidade, preservou-se um número pequeno, mas de alta qualidade, sobretudo de obras religiosas, através de tombamentos. Assim, Sabará, constituiu-se em um dos acervos artísticos e arquitetônicos entre os mais significativos das Minas Gerais e do Brasil, conseguindo manter-se em uma posição

destacada no contexto geral do país sendo, inclusive, instalada uma sede do patrimônio nacional, na localidade. Isto deveu-se a um trabalho de conscientização do valor do passado para garantir a identidade do lugar e de reforço do potencial turístico dos monumentos, como um setor importante da economia.

Neste contexto, a Capela do Carmo de Sabará, apesar de ser tombada como monumento artístico e cultural nacional e estadual e de ser visitada constantemente por turistas por seu rico acervo, continua sendo, antes de tudo, um monumento sagrado onde ocorrem funções religiosas, diariamente. O cuidado dos responsáveis pela edificação, quer dizer, a ordem terceira do Carmo, não se restringe ao seu aspecto puramente artístico, mas também, ao religioso e devocional.

Este roteiro, resumidamente apresentado, poderia ser utilizado para descrever a realidade vivida por muitas cidades mineiras de origem colonial. Algumas delas tiveram a sorte de estarem situadas em regiões mais isoladas e distantes dos grandes centros irradiadores de inovações ou de possuírem, entre seus habitantes, pessoas sensíveis à preservação artística e cultural, ou ainda, de terem recebido, com maior precocidade, a ação dos órgãos criados com esta finalidade. Assim, algumas localidades tiveram os seus conjuntos mantidos com maior integridade como, por exemplo, Ouro Preto. Outras sofreram maiores interferências, porém, preservaram-se obras significativas, como em Mariana, São João Del Rei, Caeté, Congonhas, Santa Bárbara, Santa Luzia e Sabará, dentre outras. Algumas localidades foram completamente destruídas, dando lugar a construções modernas, como ocorreu com o nosso Curral Del Rei, para atender a sua nova condição de capital republicana.

Porém, as tradições culturais, essa categoria que vive nas profundezas, nas prisões da longa duração, no nível mental, não são substituídas com tanta rapidez, já que sobrevivem a um tempo não humano.⁶⁴ O que percebemos é a resistência de vários aspectos tradicionais, em muitas localidades do interior mineiro e, no caso específico deste artigo, das tradições religiosas em Sabará. Estas permanências transcendem os interesses turísticos sem, contudo, ignorá-los já que projetam a cidade para além de suas fronteiras, demonstrando a sobrevivência, ainda muito forte, do caráter devocional do mineiro. As manifestações

religiosas em Sabará continuam a primar pelo grande aparato e pompa remanescentes de toda uma cultura Barroca.

Tal postura, mantida fundamentalmente por uma elite cultural e tradicional da cidade, sofre resistências de alguns setores da sociedade e da própria Igreja, que sustentam duas críticas principais: em primeiro lugar, acreditam que os gastos excessivos com essas solenidades poderiam ser melhor empregados em obras sociais de auxílio aos necessitados e, em segundo lugar, defendem a idéia de que o rito, tão inflacionado de elementos ornamentais e exteriores, não cumpre a função primordial de interiorização da fé.

A Semana Santa em Sabará continua a ser vivida com grande intensidade e envolvimento social, a despeito dessas críticas. A participação e o envolvimento da população são muito grandes. Uma verdadeira multidão acompanha todas as solenidades que, muitas vezes, estendem-se por horas, até tarde da noite. As procissões também são muito concorridas, apesar dos longos percursos. As fantasias usadas pelas pessoas que representam os personagens bíblicos são confeccionadas por costureiras da cidade, assim como os bordados e todos os acabamentos mais finos e elaborados. São também usadas, nesses dias, todas as pratarias e alfaias que compõem o rico acervo das igrejas de origem setecentistas: são turíbulos, navetas, lanternas, pálios, andores, imagens, etc.

As imagens, ainda preservadas do período colonial, são preparadas com todo o esmero, por pessoas da comunidade. As imagens de roca têm as suas vestes lavadas e passadas ou, então, ganham novas roupas e os cabelos são caprichosamente penteados. Nessas ocasiões percebemos que as imagens extrapolam em muito o seu caráter artístico. A relação estabelecida pelo devoto com elas é de profunda devoção e respeito. Durante várias ocasiões da Semana Santa, os fiéis procuram tocar as imagens como, por exemplo, na abertura do Sepulcro, em que todos se ajoelham e beijam os pés ou as chagas do Cristo, ou o manto de Nossa Senhora das Dores, ou o cordão do Senhor dos Passos, dentre muitas outras manifestações de fé. A melhor ocasião para se contemplar essas imagens é durante as procissões, quando assumem plenamente a sua principal função, e estão inseridas no seu verdadeiro cenário e contexto, e envolvidas por toda aquela atmosfera.

Até hoje, permanece a tradição que remonta ao período colonial, de recobrir todos os altares das edificações religiosas, com tecidos roxos, durante a Quaresma e a Semana Santa. Muitas casas têm as suas fachadas ornamentadas com colchas ou toalhas bordadas, velas, vasos de flores de quaresmeiras e perpétuas, que também são empregadas na decoração das igrejas e dos andores. Elas florescem nesse período, e possuem a coloração arroxeada. O manjeriço também é tradicionalmente usado nessa época, estando presente nos altares, bancos, andores, etc. É muito interessante perceber que os fiéis, em geral, retiram um galho do manjeriço e o esfregam na imagem do Cristo com o objetivo de consagrá-lo. Talvez o significado do gesto fosse outro, relacionado às propriedades terapêuticas dessa planta.⁶⁵

Durante este artigo procuramos chamar a atenção para um aspecto tão importante da nossa história, ou seja, a forma como as pessoas viviam e buscavam o seu lugar na sociedade setecentista. Revelar um pouco do cotidiano da época, através das manifestações culturais, foi a nossa intenção. Esperamos despertar o interesse de estudiosos para um tema tão rico e aberto a inúmeras leituras. Fica aqui o convite a outros pesquisadores.

Notas

* O presente artigo trata-se de um resumo de um dos capítulos da dissertação “*A Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Sabará: Pompa Barroca, Manifestações Artísticas e as Cerimônias da Semana Santa (século XVIII a meados do século XIX)*”, apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFMG, em Dezembro de 1999. A pesquisa foi orientada pela professora Doutora Adalgisa Arantes Campos (UFMG) e financiada pelo programa de bolsas do CNPq.

¹ Termos, 06/07/1766. Copilado por PASSOS, 1940. p.28.

² Termos, 06/08/1761 e de 10/08/1761. Copilado por PASSOS, 1940. p.28.

³ Termos, 05/07/1808. Copilado por PASSOS, 1940. p.55.

⁴ Arquivo da Ordem Terceira da Carmo de Sabará (AOTCS), Compromisso, 1840, cap. 8 – *Das Obrigações Espirituais da Ordem*.

⁵ AOTCS, Compromisso, Séc. XVIII, cap. 42 – *Da Solenne Festa da Ordem*.

⁶ AOTCS, Receita e Despesa, 1788, f27v.

⁷ AOTCS, Compromisso, 1828, Cap. 26 – *Das Festas e Funções da Ordem*.

⁸ AOTCS, Livro 4º de Receita e Despesa, 1836.

⁹ AOTCS, Compromisso, Séc. XVIII, Cap. 43 – *Da Festa da Senhora Santa Tereza*.

¹⁰ KELLER, 1941. p.201-11. Sobre este assunto cf. também: Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Editorial Enciclopédia Ltda, 1945. (Vol 28)

¹¹ A Bula data de 23/12/1740, porém, foi divulgada nas Minas, pelo Bispado de Mariana, somente em 17/09/1757, quando Dom Frei Manoel da Cruz tomou conhecimento de sua existência. TRINDADE, Cônego Raimundo. Arquidiocese de Mariana: Subsídios para sua História. 2ª Ed., II Vol., Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1955. P. 399.

- 12 MARQUES, José. As Confrarias da Paixão na Antiga Arquidiocese de Braga. In: *Theologica*. Braga, Vol. 28, Fasc. 2, 1993. P. 447- 80.
- 13 AZZI, Riolando. A Paixão de Cristo na Tradição Luso-Brasileira. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol 53, Fasc. 209, 1993. P. 114 - 49.
- 14 CAMPOS, Adalgisa Arantes. Quaresma e Tríduo Sacro nas Minas Setecentistas: cultura material e liturgia. In: *Revista Barroco* 16. 1997. P. 209 - 20.
- 15 VIDE, D. Sebastião Monteiro. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo, Typographia 2 de Dezembro de Antônio Louzada Antunes, 1853. TítuloXVIII, Parágrafo, 406.
- 16 AOTCS, Compromisso, Século XVIII, Cap. 18 – *Das couzas por que os Irmãos poderão ser expulsos, e riscados dos livros da Ordem*.
- 17 Sobre esse assunto cf.: SANCHIS, 1992. Especialmente capítulo V: O Pomo da Discórdia: o arraial. p.139-181.
- 18 VIDE, 1853. p.192. Livro 3, Título XV.
- 19 VIDE, 1853, p.192. Livro 3, Título XV.
- 20 AOTCS, Termos, 1761, f 109 r.
- 21 AOTCS, Termos, 1761, f 109 r.
- 22 Sobre esse assunto, cf: ARAÚJO, 1993. p.276.
- 23 Arquivo Público Mineiro (APM), Documentação não encadernada da Capitania de Minas Gerais, SG, Caixa:110, Doc. 11.
- 24 Código Philipino ou Ordenações do Reino de Portugal. Livro 5^o, título XL – *Dos que arrancão em Igrejas ou Procissão*.
- 25 APM, SC 04, fl. 587/596 – Carta do Governador ao Rei. Sobre os motins nas Minas durante o período colonial, cf.: ANASTASIA, 1994. p.26-43.
- 26 APM, CMP 04, fl. 149v/150 – Cartas de Usança, Editais, Ordens e mais papéis (1796-1822).
- 27 Arquivo Casa Borba Gato (ACBG), Caixa: Rosário. Avulsos.
- 28 APM, Documentação não encadernada da Capitania de Minas Gerais, SG, Caixa 65, Doc. 31.
- 29 AOTCS, Termos, 1761, f 5 rv.
- 30 AOTCS, Termos, 1761, f 5 rv.
- 31 VIDE, 1853, Livro 3^o, Título XIV.
- 32 Sobre esse assunto cf.: COSTA, 1978. p.163-210.
- 33 AOTCS, Compromisso, 1828, Cap. 26 – *Das Festas e Funções da Ordem*. Esta determinação continua a vigorar nos novos Estatutos de 1840, no capítulo 8^o – *Das Obrigações Espirituais da Ordem*.
- 34 Biblioteca da Ajuda, Palácio Nacional da Ajuda - Lisboa, Serviço de Microfilmagem, Ref. Cor 811, B.A 0687, Cota 49-I-1. Significação das Cerimônias da Semana Santa... /Frei Luis de Santa Maria Prado, 1768. Agradeço à amiga e companheira de ofício Maria Verônica Campos por ter trazido de Portugal, especialmente para este trabalho, tão valioso e inédito documento.
- 35 A procissão de Ramos, de Palmas ou Oliveiras teve início em Jerusalém, no século IV. Foi descrita pela espanhola Egéria, que esteve na Terra Santa por volta de 385-393. Segundo a peregrina, as pessoas reuniam-se no domingo à tarde no Monte das Oliveiras, de onde partiam em procissão para a cidade, carregando ramos de oliveira, acompanhadas pelo Bispo, que representava o Cristo. Durante o século V, era solenizada no Egito e Síria. Foi adotada em Roma mais tardiamente (século IX), depois de já ter sido celebrada na Hispânia, Gália e Germânia. Inicialmente, fazia-se a bênção dos Ramos, seguindo-se a sua distribuição, a procissão e a Missa dedicada à Paixão de Cristo, segundo o Evangelho de São Mateus. Na terça-feira é a Paixão segundo São Marcos, na quarta segundo São Lucas e na sexta segundo São João. Sobre esse assunto cf. : RYAN, 1991. p. 67- 75. Cf. também: Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, 1945. Vol. 28, p.200.
- 36 VIDE, 1853. p.191. Livro 3, Título XIII.
- 37 Sobre o conceito de pompa enquanto magnificência e ordenação cf.: CAMPOS, 1990/92. p. 461-7.
- 38 AOTCS, Compromisso, Século XVIII.

³⁹ Sobre a natureza ideológica da concepção hierárquica da sociedade feudal, cf: DUBY, 1982.

⁴⁰ Sobre esse assunto cf.: BURCKHARDT, s/d.

⁴¹ Entendemos por opas a veste específica de cada associação leiga. No caso, o hábito carmelita. Segundo Chevalier e Gheerbrant, em seu Dicionário de Símbolos, o Roxo (ou violeta) é a cor da temperança, e é constituída por uma porção equivalente de vermelho e azul. É considerado o símbolo da alquimia e também indica a transfusão espiritual, ou seja, a transmigração da alma ou a reencarnação. A alquimia, de maneira geral, baseia-se no esquema da troca perpétua entre o céu e a terra, através da evolução (ascensão) seguido da involução (descida), isto é, o ciclo da renovação periódica, sendo a morte e a sublimação seguidas da reencarnação – o eterno retorno. O roxo significa a passagem outonal da vida para a morte – a involução. É a cor do segredo, da realização do invisível mistério da reencarnação, ou seja, a morte é vista não como um estado, mas como passagem. Percebemos o roxo como a cor principal durante toda a Quaresma e Semana Santa, estando presente nas cortinas de altares, nas flores, nas vestes das imagens, nos paramentos dos celebrantes, etc. CHEVALIER & GHEERBRANT, 1993.

⁴² AOTCS, Compromisso, Século XVIII, Cap. 38 – *Forma em que se deve Compôr a Procissão do Triunfo que faz a Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo em Domingo de Ramos.*

⁴³ AOTCS, Compromisso, Século XVIII, Cap. 38 – *Forma em que se deve Compôr a Procissão do Triunfo que faz a Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo em Domingo de Ramos.*

⁴⁴ Pálio: “Sobreceú portátil feito de um quadrilongo de pano de seda e sustentado por varas para ser levado à mão, e que serve para cobrir como sinal de distinção e honra, nos cortejos ou procissões solenes a pessoa ou o objeto que mais se pretende honrar”. Dicionário Caldas Aulete, 1985.

⁴⁵ Segundo o Padre Elias Leoni (Seminário de Mariana), a tradução da primeira tarja é “Canta ó língua, (o mistério) do glorioso (corpo)”, trata-se do hino da festa de Corpus Christi, composto por São Tomás de Aquino, no século XIII. A segunda inscrição “Glória do Líbano, Izaías, Capítulo 25, Versículo 2”. Porém, a referência da citação é inexata.

⁴⁶ ÁVILA, 1980. p.132.

⁴⁷ Sobre o impacto da palavra impressa na sociedade moderna, consultar: DAVIS, 1990.

⁴⁸ AOTCS, Compromisso, Século XVIII, Cap. 38 – *Forma em que se deve Compôr a Procissão do Triunfo que faz a Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo em Domingo de Ramos.*

⁴⁹ AOTCS, Compromisso, Século XVIII, Cap. 38 – *Forma em que se deve Compôr a Procissão do Triunfo que faz a Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo em Domingo de Ramos.*

⁵⁰ AOTCS, Compromisso, Século XVIII, Cap. 38 – *Forma em que se deve Compôr a Procissão do Triunfo que faz a Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo em Domingo de Ramos.*

⁵¹ Segundo o Padre Elias Leoni (Seminário de Mariana), a tradução do título desse hino é difícil, devido à mistura do português com o latim. Vexillum-i: estandarte, bandeira. Regis: do rei (genitivo de rex: rei). Producem: singular de produx-icis: rebento; filho; descendência.

⁵² AOTCS, Compromisso, Século XVIII, Cap. 38 – *Forma em que se deve Compôr a Procissão do Triunfo que faz a Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo em Domingo de Ramos.*

⁵³ Sobre esse assunto cf.: BURCKHARDT, s/d.

⁵⁴ AOTCS, Inventário de Alfaias, 1836.

⁵⁵ AOTCS, Inventário de Alfaias, 1836.

⁵⁶ AOTCS, Da Razão, 1771, f 8r.

⁵⁷ AOTCS, Receita e Despesa, 1778, f 67v.

⁵⁸ AOTCS, Receita e Despesa, 1778, f 67v.

⁵⁹ AOTCS, Livro 4^o Receita e Despesa, 1836, f 87r.

⁶⁰ AOTCS, Livro 4^o Receita e Despesa, 1836, f 88r.

⁶¹ Termos, 19/03/1809. Copilado por PASSOS, 1940. p.57.

⁶² Sobre esse assunto, cf.: BEBIANO, 1987. E cf. também: OLIVEIRA, 1973. p.299-312.

⁶³ Consultando o Dicionário de Símbolos, conseguimos decifrar algumas dessas alegorias: A Espada, na tradição Bíblica, faz parte dos três flagelos (guerra, fome, peste). Essa trilogia aparece, particularmente, em Jeremias (21,7; 24, 10) e em Ezequiel (5,12-17; 6, 11-12; 12,16; etc.). O livro é o símbolo da ciência e da sabedoria, que em mãos erradas, como nas do diabo, podem ser utilizadas para o mal. E a ampulheta com asas, símbolo Barroco por excelência, vem lembrar que o tempo escoar inexoravelmente, e se conclui, no ciclo humano, pela morte. CHEVALIER & ALAIN, 1993.

⁶⁴ VOVELLE, 1990. p.65-96.

⁶⁵ O manjerição ou basilico "é uma planta de cujas folhas se diz que contém poderes mágicos (são utilizadas no preparo da água vulnerária vermelha), e cujas folhas exalam penetrante odor. As folhas do manjerição são usadas, no Congo central, para conjurar má fortuna e proteger contra os maus espíritos. São apropriadas para curar pancadas, feridas e contusões".CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A, 1993. p.123. Para Regina Emery Quites, os escravos possivelmente trouxeram este costume que foi absorvido pelas tradições religiosas. QUITES, 1997. p.87.

Referências

Fontes impressas

ALMEIDA, Cândido Mendes. **Código Philippino ou Ordenações e Leis do Reino de Portugal**. Recopiladas por mandado d'el Rey D. Philippe I. Rio de Janeiro: Typographia do Instituto Philomathico, 1870. (2 volumes)

VIDE, Dom Sebastião Monteiro. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**. São Paulo: Typographia 2 de Dezembro de Antônio Louzada Antunes, 1853.

Obras de referência

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Edições Loyola,1989.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

DICIONÁRIO Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete. 4^a ed. Rio de Janeiro: Ed.Delta, 1985. (5 volumes)

GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Editorial Enciclopédia Ltda. Lisboa/Rio de Janeiro: 1945. (28 volumes)

Bibliografia

ARAÚJO, Emanuel. **O Teatro dos Vícios e Transigência na Sociedade Urbana Colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

ÁVILA, Affonso. **O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco**. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

BEBIANO, Rui. **D. João V. Poder e Espetáculo**. Aveiro: Livraria Estante, 1987.

BURCKHARDT, Jacob. **A Civilização da Renascença Italiana**. Lisboa: Editorial Presença, s/d.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Semana Santa ontem e hoje em Minas Gerais**. In: AMADO, Janaína (org.). **Corpo e Alma do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos e outros Episódios da História Cultural Francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo: Sociedade e Cultura no início da França Moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DUBY, Georges. **As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

HEERS, Jacques. **Festas de Loucos e Carnavais**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

MARAVALL, José Antônio. **A Cultura do Barroco: análise de uma Estrutura Histórica**. São Paulo: EdUSP, 1997.

PASSOS, Zoroastro Vianna. **Em Torno da História de Sabará: a Ordem Terceira do Carmo e a sua Igreja, Obras do Aleijadinho no Templo**. Rio de Janeiro: Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940.

QUITES, Maria Regina Emery. **A Imaginária Processional na Semana Santa em Minas Gerais: Estudo realizado nas cidades de Santa Bárbara, Santa Luzia e Sabará**. Belo Horizonte: Escola De Belas Artes/UFMG – CECOR, 1997. (Dissertação de Mestrado - Mimeo)

RYAN, Vincent. **Quaresma e Semana Santa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: festa de um povo, as romarias portuguesas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

TRINDADE, Raimundo, Cônego. **Arquidiocese de Mariana: Subsídios para sua História**. 2ª ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955. (vol. II)

VOVELLE, Michel. **A História e a Longa Duração**. In: LE GOFF, Jacques (Org). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Artigos em periódicos

ANASTASIA, Carla Maria Junho. Vassallos Rebeldes: motins em Minas Gerais no século XVIII. **Varia História**. Revista do Departamento de História – FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, n^o13, p.26-43, junho/1994.

AZZI, Riolando. A Paixão de Cristo na Tradição Luso-Brasileira. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Ed. Vozes, vol. 53, fasc. 209, p.114-49, março/1993.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. A Pompa Fúnebre na Capitania das Minas Gerais. **Revista do Departamento de História da UFMG**, Belo Horizonte, n^o IV, p.1-24, 1987.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. O Triunfo Eucarístico: Hierarquias e Universalidade. **Revista Barroco**, Belo Horizonte, n^o15, p.461-467, 1990/92.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Quaresma e Tríduo Sacro nas Minas Setecentistas: cultura Material e Liturgia. **Revista Barroco**, Belo Horizonte, n^o16, p.209-20, 1997.

COSTA, Martins da. As Procissões na Póvoa de Varzim. **Póvoa de Varzim – Boletim Cultural**, Póvoa do Varzim, Vol. XVII-2, p.163-210, 1978.

KELLER, Dom Thomás, OSB, Abade do Mosteiro de São Bento. Significação Histórica e Simbólica da Liturgia da Semana Santa. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, vol.1, p.201-11, março-junho,1941.

MARQUES, José. As Confrarias da Paixão na Antiga Arquidiocese de Braga. **Theológica**. Braga, vol. 28, fasc. 2, p.447-80, 1993.

OLIVEIRA, Luis Vasco Ribeiro Salgado de. O Significado do Luxo no Reinado de Dom João V: Alguns Aspectos. **Bracara Augusta**, n^o XXVII, p.299-312, 1973.